



A HISTORICIDADE DA HISTORICIDADE: IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS NA FILOSOFIA CLÍNICA

THE HISTORICITY OF HISTORICITY: CONCEPTUAL IMPLICATIONS IN CLINICAL PHILOSOPHY

Kélsen André Melo dos Santos*

Resumo

Neste artigo, o conceito central é a "historicidade da historicidade", uma abordagem que busca entender o desenvolvimento histórico do próprio conceito de historicidade. Para isso, retoma-se a discussão elaborada por Leonard Von Renthe-Fink (1907-1993), filósofo e psicólogo alemão. Foca-se mais na Filosofia da História do que no Historicismo da Historicidade, explorado em capítulos anteriores da tese. Durante esse percurso, analisa-se como pensadores como Hegel, Dilthey, Jaspers e Heidegger moldaram uma visão filosófica da história como extensão do tempo. O objetivo do artigo é demonstrar como, a partir da influência de Dilthey, Lúcio Packter formulou sua ideia de historicidade, que, por sua vez, influenciou diretamente o pensamento de autores da Filosofia Clínica, especialmente Marta Claus, Rose Pedrosa e José Maurício de Carvalho. Dessa forma, o artigo propõe uma reflexão sobre como a historicidade se desenvolve e se aplica dentro do contexto da Filosofia Clínica.

Palavras-chave: Historicidade; historicismo; Filosofia Clínica; Leonard Von Renthe-Fink; Filosofia da História.

Abstract

The central concept in this article is the “historicity of historicity”, an approach that attempts to understand the historical development of the concept of historicity itself. To this end, the discussion led by Leonard Von Renthe-Fink (1907-1993), a German philosopher and psychologist, is taken up. It focuses more on the philosophy of history than on the historicism of historicity examined in the previous chapters of the thesis. It analyzes how thinkers such as Hegel, Dilthey, Jaspers and Heidegger have shaped a philosophical view of history as an extension of time. The aim of the article is to show how Lúcio Packter, under the influence of Dilthey, formulated his idea of historicity, which in turn directly influenced the thinking of authors of clinical philosophy, in particular Marta Claus, Rose Pedrosa and José Maurício de Carvalho. In this way, the article proposes a reflection on how historicity is developed and applied in the context of clinical philosophy.

Keywords: historicity; historicism; Clinical Philosophy; Leonard Von Renthe-Fink; Philosophy of History.

[I]

Leonard Von Renthe-Fink (1907-1993), filósofo e psicólogo, mas que obtém um grande destaque enquanto filólogo alemão, em um artigo curto, despretensioso, de apenas seis páginas, consegue destringir o conceito de Historicidade passeando com o mesmo ao longo da História. O renomado filólogo, na melhor tradição alemã, inicia abordando os dois diferentes significados do termo. Leiamos:

Historicidade [Geschichtlichkeit] possui diferentes significados conforme o uso da palavra, isto é, ou como termo técnico do conhecimento histórico ou como conceito filosófico. Para o vocabulário técnico da história, Historicidade significa “a factualidade de um evento histórico transmitido – posta como questão própria da crítica documental” (sinônimo: histórico), o oposto de lenda e mito. (...) Como conceito filosófico, o termo possui um significado muito mais amplo; significa «o modo de ser histórico do espírito humano», uma característica fundamental de tudo o que é humano em contraste com o ser natural, quer dizer, como conceito filosófico Historicidade reflete a temporalidade radical da existência [Daseins] humana. (Renthe-Fink, 2021, p. 208-209).



Importante salientar que, embora a menção de um duplo significado do pensador remeta a um termo técnico e outro filosófico, a parte que mais reputo interessante do excelente e didático artigo é outra dupla significação que permeia o conceito de Historicidade, a saber: o teológico e o filosófico. Essa abertura tácita do artigo espelha uma complementaridade que permeia toda a Paideia alemã (Machado, 2006; Santos, 2021), sempre veladamente presente e atuante com rescaldos que chegam na Filosofia Clínica (FC).

Leonhard von Renthe-Fink expõe a análise do conceito de Historicidade mostrando, primeiramente, o seu emprego técnico-teológico acerca das questões cristológicas e, em seguida, pela ótica filosófica por Hegel “que aparentemente criou o termo, em analogia a outros conceitos abstratos, cuja marca é o sufixo <idade>” (Renthe-Fink, p. 209).

Segundo o filólogo, Hegel, na obra ‘Lições sobre a História da Filosofia’, “discutiu a relação profunda, interna e de caráter local que nos [ocidentais] liga à filosofia grega; dentre outras coisas, pela autocompreensão que os gregos possuíam, uma consciência clara da origem de sua própria essência” (Renthe-Fink, 2021, p. 209). Essa ligação interna atrela-se a uma Paideia alemã que tinha a Grécia como modelo.

Essa concepção de uma imitação criadora que deve tornar os alemães tão inimitáveis quanto os gregos aparece com toda força na exigência paradoxal que Winckelmann propõe aos seus contemporâneos: “O único meio de nos tornarmos grandes e, se possível, inimitáveis é imitar os antigos”. (Machado, 2006, p.13).

Atrai-se, igualmente, a uma ligação da filosofia com a verdade. De todo modo, o filólogo vai mostrando um entendimento de Historicidade no qual a essência da História é encontrada no espírito absoluto.

Interessante perceber que de forma tácita, mas não menos impactante, a metodologia histórica hegeliana se desenvolve paralelamente a uma busca teológica pela natureza histórica de Cristo; em certa medida, a natureza divina de Jesus.

Historicidade expressa nesse contexto o fato que o Espírito [Geist] se torna estreitamente entrelaçado à realidade na qual o tempo foi lançado. O conceito não é ainda utilizado por Hegel para a demarcação da “essência” mesma da história enquanto modo de se tornar ou direcionada à certa situação especial do homem em determinado acontecimento, no sentido de uma existência que se reconhece historicamente. (Renthe-Fink, 2021, p. 210).



Aqui, abre-se uma nota mais longa, porém necessária, já que diretamente Hegel não se vale do conceito de Historicidade; pelo contrário. O termo ganha certa repercussão entre os seus dois biógrafos para demarcar uma crítica de Rosenkranz a Feuerbach e uma crítica de Haym ao próprio Hegel: “O fluxo vital do Absoluto é transformado em conhecimento do presente no processo de viver a história; o historicismo, parte impuro, parte ilusório, do sistema hegeliano, se traduz em uma genuína e real Historicidade” (Renthe-Fink, 2021, p. 210).

Faço uma rápida digressão para pontuar como o termo fluxo vital do absoluto engancha ao vitalismo de Ortega Y Gasset, discípulo de Heidegger e elo essencial para muitas das considerações de José Maurício e o entendimento da FC como fenomenologia. Mas antes de adentrarmos nisso, retornemos à Historicidade, do conceito de Historicidade tracejado por Renthe-Fink.

- W. Dilthey e o conde P. Yorck

Continuando os passos do filólogo, ele nos conta que a discussão, o desenvolvimento conceitual e a própria consolidação do termo *Historicidade* será dada por W. Dilthey (1833-1911) e o conde P. Yorck Von Wartenburg (1759-1830) em suas trocas de cartas (Fink).

Renthe-Fink aponta quatro etapas do desenvolvimento do conceito de Historicidade em Dilthey, sendo que o primeiro vale a pena ser destacado: “problemas epistemológicos acerca da ‘Historicidade contra universalidade’, bem como demarca uma linha contra o relativismo.” (Renthe-Fink, 2021, p. 211).

O destaque a esse ponto se deve ao fato dele ter sido amplamente explorado por Marta Claus, tendo lhe servido de ancoragem para boa parte do entendimento dela de Historicidade em FC. Assim nos ensina a bailarina:

A Filosofia Clínica se ajusta ao Historicismo na compreensão e explicação relativa do passado para se chegar a uma compreensão também relativa do presente. Além de compreender que, entre outras coisas, ao relatar sua história de vida a pessoa se reconstrói. E ao se reconstruir a pessoa pode recolocar suas questões de formas diferenciadas, revisar seus conceitos e pontos de vista. A Filosofia Clínica faz o uso adaptado do método Histórico, visto que considera o homem um ser agente da história e de sua própria história, isto numa ótica singular. (Claus, 2011, p. 38)

Ainda acerca desses pontos de intercessão, vale a pena outras duas considerações. A primeira, referente à forma com que o jovem Dilthey enxerga e aglutina:



[...] o problema geral da Historicidade do homem e do Espírito como um problema de pluralidade de atividades possíveis fundamentalmente existenciais, sendo o problema da Historicidade e da tipologia das visões de mundo [Weltanschauungen], em sua raiz, um só. (Renthe-Fink, p. 211)¹.

Não se pode perder de vista que essa dimensão teológica do conceito *Historicidade*, isto é, a natureza encarnada do verbo ou, mais precisamente, a trindade que resulta no nascimento e morte de Jesus, é um ponto de início do conceito, cujos desdobramentos se dão: a) na dialética hegeliana; b) no situar (encarnar) diltheniano; c) na discussão metafísica heideggeriana², que a cada parágrafo nos aproximamos mais.

Segundamente: na síntese dialética entre o pensamento de Dilthey e Yorck resulta-se e compreende-se a centralidade do conceito de *Historicidade* como “categoria da filosofia da vida [Lebensphilosophie]”

Nestes termos, o termo Historicidade está intimamente ligado aos conceitos de <homem total>, <interioridade> e <vitalidade>, que deste modo forma o filamento de nervos através do qual ambos os pensadores estão conectados com o mundo espiritual do tempo de Goethe – novas fontes para o desenvolvimento desse conceito nos trabalhos do conde Yorck aparecem em K. Gründer (1970). (Renthe-Fink, p. 212)

Necessário mencionar que tanto os conceitos de “filosofia da vida”, quanto de “vitalidade”, abrem as portas de fundamentação e diálogo com a corrente espanhola da filosofia aplicada (FA). Uma corrente que se inicia com o vitalismo de Ortega, perpassa os desdobramentos de Maria Zambrano (1904-1991) e Julian Marias (1914-2005), chegando até José Barrientos Rastrojo. Ou, se ainda quisermos estender essa linha, chega-se, indiretamente, à categoria “circunstância em FC”³.

¹ Temos nesse aspecto uma intercessão acerca da analítica da linguagem e da fenomenologia, mais expressamente entre Ryle e Merleau-Ponty, que Samara Araújo Costa, em sua dissertação “Experiência Perceptiva – M. Merleau-Ponty e Gilbert Ryle”, discorreu linda e elegantemente, mas que não teremos condições de estabelecer as interconexões conceituais que esses pensadores exploram e a filósofa nos ajuda a compreender algumas tessituras. Essa relação acaba sendo melhor explorada no capítulo seguinte da tese quando abordamos o “erro categorial” e as categorias da FC.

² Os três pontos (a, b, c) aparecem ao longo de toda tese sofrendo as alterações dialéticas que as perfazem. Mas, sucintamente temos respectivamente, a dialética em si, o encarnar de Merleau-Ponty apresentado em corporalidade por José Mauricio e finalmente, mas não por último a existencialidade do fenômeno.

³ Essa temática foi ampla e belamente discutida e apresentada no livro *Introdução à Filosofia Clínica e Filosofia Aplicada: Avaliações e Fundamentações*, de 2014, por Packter, Barrientos e José Mauricio. Na revista *Partilhas*, do IMFIC, de 2015, houve uma edição especial sobre Ortega y Gasset que trouxe reflexões de outros colegas, nos quais destaco o artigo de Marta Claus, que explora e aprofunda uma corrente que acho muito cara à FC: a da circunstanciamento do assunto imediato, tema que em outro momento exploraremos, e o de Will Goya, que apresenta publicamente a ideia da FC como ética. Uma caracterização que vai marcar o que chamo de “Escola de Goiânia” e que foi sendo desenvolvida pelo filósofo-poeta ao longo desses anos. Ressaltando que o artigo era a publicação da sua palestra na Semana de Estudos Internacional em Sevilha.



Uma categoria completamente ancorada na cosmovisão do fenomenólogo heideggeriano Ortega, que nos alerta que “eu sou eu e minhas circunstâncias”, sendo que esse ‘eu’ é e não é mais o eu cartesiano. É um eu das meditações de Quixote, que flerta com o surrealismo no que se refere a romper com as coordenadas cartesianas previamente dadas e estabelecidas em direção à captação de afetos.

- Breve Historicidade da Historicidade

Renthe-Fink salienta que o conceito de *Historicidade*, em sua dimensão filosófica, começa a ser utilizado somente em 1920, quando Dilthey começa a ser publicado. Em 1927 Heidegger adota o conceito em *Ser e Tempo*. Em 1931 Jaspers fala do conceito pela primeira vez e em 1936 ele se vale do emprego *Historicidade existencial*.

Indo de novo à FC, Lúcio alardeia a influência direta do historicismo de Dilthey em sua obra. Todavia, tal menção não é suficiente para convencer José Maurício de que esse seja o uso epistemologicamente e teoricamente mais correto.

O pensador de SJDR estabelece quase um erro categorial ‘em’ e ‘de’ Packter ao não compreender que todo o uso que ele faz da *Historicidade* se dá numa visada, se não heideggeriana, com toda a certeza influenciada por Karl Jaspers⁴. Lendo José Maurício, é difícil não ser convencido dessa abordagem.

O longo e hercúleo trabalho de fundamentação de José Maurício tem como meta apresentar e desenvolver um caminho no qual a fenomenologia engloba e envolve mais coerentemente a FC do que outras correntes, tais como a analítica e o estruturalismo, para ficarmos em apenas duas.

No entanto, à medida que vamos investigando, vai ficando claro como é difícil essa sustentação epistemológica, já que há autores que conseguiriam fundamentar, justificar a FC recorrendo a uma outra escola filosófica⁵.

Vale como ilustração a discussão já mencionada que Samara efetua acerca da

⁴ A influência de Jaspers em Packter nos parece infinitamente maior que a de Heidegger. Tanto pelo componente filosófico como pelo profissional, ambos médicos e com familiaridade com a cultura judaica. Essa influência da escola judaica na FC merece uma publicação à parte. De Baruch Espinosa, na quebra da relação cartesiana, ao tópico emoções, passando por Jaspers e a Psicopatologia descritas pela ótica fenomenológica e chegando a Frankl, Levinas, Bubber, sem esquecer da corporeidade de Feldenkrais.

⁵ Ainda nesse ensejo, alguns outros colegas também discutiram as questões da Historicidade da FC. Duas obras, ambas da editora Mikelis, traduzem esse esforço histórico, historiográfico de se pensar e situar a própria FC. O primeiro é o *Raízes Gregas da Filosofia Clínica*, e o segundo *Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil*. Este marca dimensões altamente internalistas e fundamentais para compreendermos a FC. Aquele já caminha para horizontes externalistas, fomentando boas discussões epistemológicas e metodológicas entre a Filosofia e a FC.



analítica da linguagem com Ryle *versus* Ponty que alicerçaria com muita precisão e elegância os estudos de Mariluse Ferreira. Ou, ainda, de forma mais inusitada e bela, discordando a partir dos mesmos autores, como podemos verificar no artigo de Rose Pedrosa “As Medidas da representação de mundo em Filosofia Clínica: de Protágoras a Schopenhauer”, no qual a filósofa clínica elabora uma construção epistemológica se valendo de Heidegger sobre “visão de mundo”, que a conduz aos braços de Dilthey num caminho diametralmente oposto ao de José Maurício.

Na interpretação da nobre colega, “Heidegger, no seu propósito de combater as interpretações das visões de mundo, segue se distanciando do conceito de sujeito e subjetividade.” (Pedrosa, 2016, p. 34).

Nesse distanciamento dos dois conceitos (sujeito e subjetividade) que ela, assim como outros colegas tratam como essenciais à FC, a nobre professora compreende a *Historicidade* da FC mais à maneira de Dilthey do que à Heidegger.

Já a importância do entendimento de sujeito e subjetividade parece ser a constatação que temos na leitura de alguns capítulos da obra “As Raízes Gregas da Filosofia Clínica”. Na obra, aos nossos olhos, muitos colegas cometem o anacronismo de trazerem o conceito de subjetividade ao mundo grego.

A questão que emerge é: tem sentido falarmos de subjetividade antes de Descartes? Tem como vermos subjetividade no sentido moderno, contemporâneo, que a FC instaura e discute? Qual nome daríamos ao que Protágoras está fazendo? Ou melhor, como chamamos isso que realizamos?

Aos meus olhos, subjetivismo é ainda *ismo* cartesiano que a FC rompe – e rompe justamente no seu apelo fenomenológico, que Carvalho fundamenta a partir do conceito de HISTORICIDADE em Heidegger e Jaspers.

Deter-nos-emos no primeiro e apontaremos, no melhor sentido da tradição grega, como esse apontar é fazer, ou, em outros termos, como esse sujeito-subjetividade-singularidade que Pedrosa apresenta é Historicidade no existencialismo e bases categoriais em Packter.

Na representação que temos da sistematização de Lúcio, estamos diante da parte-todo; início-fim; sujeito-objeto que constitui as INTERCESSÕES⁶. Elas nos

⁶ *Aspectos Matematizáveis da Filosofia Clínica*, mais que um livro espetacular, é uma leitura existencial por uma ótica altamente abstrata, sofisticada, elegante, genial. Tal matematização abre portas para caminhos sobre os quais precisamos nos debruçar com carinho e paciência, o que ainda não será desta vez. Uma das portas desses caminhos abandonados por Lúcio é a música. [continua...].



abrem às relações e às transdisciplinaridades (Morin) com a matemática e o uso dos elementos matemáticos para se pensar a fundamentação da filosofia clínica.

Diagrama de Venn, isto é, teoria de conjuntos, Georg Cantor (1845-1918), os intervalos. Duas concepções que nos auxiliam a compreender primeiro a relação eu-outro; eu-mundo; eu-comigo; mundo-outro, tendo a premissa não cartesiana em foco e como os pertencimentos e não pertencimentos se dão.

O INTERVALO para salientar a proposta matemática, fenomenológica, de não contaminação do objeto. Ou seja: como minha *Historicidade* não contamina a *Historicidade* do outro? Como a minha verdade não silencia a cosmovisão do outro? Como meu mundo não verticaliza hierarquicamente o mundo do outro, tornando-o um subalterno do meu olhar? É na prática do uso dos intervalos que essa contaminação se dilui.

Pela exposição de Rose, o distanciamento desses dois conceitos, a lembrar (sujeito e subjetividade), implica na dificuldade epistemológica de a FC continuar caminhando com Heidegger. Sobretudo porque, no entendimento da FilCli, a

[Continuidade da nota n. 6]. A música é vibração em harmonia. Ela é número em movimento ritmado. Ela é vibração e definição de padrão autogênico de forma imediata. Chegará um grupo de FilCli que talvez reescrevam tudo isso pela perspectiva do som, da escuta, da vibração. Eles vão nos auxiliar a ultrapassar o que mais nos estrangula, o ver *versus* o ouvir. Eles confiarão nas imagens musicais e com isso apreenderão estados, sentimentos, situações que, no ver, não fazem sentido, e quando fazem provocam desconfianças paralisantes. Mas enquanto essas marcações ainda não chegam, Lúcio nos aponta com o ver, o visualizar e nisso retomamos a espaços mentais de abstrações mais elevadas. O diagrama de Venn que se utiliza em FC para representar o sistema-mundo, o conjunto-universo pessoa em relação com outros conjuntos – pessoas ou coisas. Tem-se, dentro desse conjunto, a intercessão, o ponto em comum entre esses universos outros, distintos. A FC se faz na intercessão. A Historicidade é o movimento de qualificação da intercessão na qual nos encontremos diante do infinitamente outro, pequenos pontos, partes, pontes, que nos permite um entendimento. Tal entendimento, MATEMATICAMENTE falando, é fenomenológico, no que a fenomenologia guarda relação com a matemática, da qual ela foi derivada. A *epoché* hursserliana é um parêntese. É a intercessão do FilCli em relação com o conjunto universo (partilhante) tecendo aproximações e entendimentos. E, frisa-se, entendimentos, e não interpretações, porque esses parênteses são sobretudo uma suspensão de juízos, de prerrogativas, de valores e derivações. É uma experiência altamente abstrata na sua relação matemática, minimamente alcançada no que em FC será derivado como “agendamento mínimo”. Esses graus de “pureza”, de não contaminação não são higienistas, ou liberais, como veremos em exposições muito equivocadas de críticos da FC. Esse purismo é um formalismo construtivista do universo matemático que será, por exemplo, utilizada no uso dos intervalos para não interferir desavergonhadamente na forma do outro pensar e ordenar, concatenar, expor suas ideias. Percebam que pensar, ordenar, concatenar não são mais um falar livre, uma associação de ideias e sim um princípio estruturante no qual esse pensar é, antes de tudo, um ordenamento lógico. Linguagem e lógica pontuarão as dimensões da Historicidade em FC, sem perder de vista que se a estruturação do raciocínio é formal, o conteúdo e a expressão dessas formas são singulares. Claramente, há muito sentido em quem aponta o estruturalismo à Saussure derivando para Strauss como uma abordagem à FC, entre outras coisas, por essa demanda linguística. Esse entendimento de que a linguagem é lógica e estrutura não apenas discursos individuais como que ordenamentos sociais, civilizatórios. Há também muito sentido em quem aposta diretamente na fenomenologia para essa fundamentação da FC. Só nos parece muito, mas muito forçado, conceber subjetividade ao grego clássico. A operação mental que o demiurgo platônico está realizando, que Sócrates está procedendo, que Heráclito vai ensinar não tem as caracterizações cristalinas que Descartes irá efetuar.



contextualização situada de Dilthey é mais afeita à FC, ainda que na concepção dele a visão de mundo se restrinja a aspectos estéticos, religiosos e filosóficos. Uma marcação que em FC não as definimos *a priori*, tampouco sem escutar o outro.

De forma que, esse distanciamento, só existe quando não nos aproximamos do conceito de *Historicidade* para Heidegger. Nesse ponto, mais do que uma aproximação, o filósofo do nazismo fundamenta filosoficamente a perspectiva histórica de Dilthey. E nos possibilita um entendimento mais filosófico da história, enquanto Dilthey nos fornece o historicismo da história. Representações de mundo diferentes que ecoam tacitamente em como Pedrosa, Claus e Carvalho compreendem a FC.

[II]

Apresentaremos pequenos e breves recortes de alguns artigos que nos auxiliarão a aproximar do entendimento da *Historicidade* e o seu diálogo com colegas e perspectivas da FC.

Trouxemos Christian Iber, em seu artigo de 2013, “*Historicidade da Filosofia em Hegel e Heidegger*”; Robson Ramos Reis, em “*Historicidade e Necessidade existencial em Ser e Tempo de Martin Heidegger*”, de 2016; Cláudio Almir Dalbosco e Marcelo José Toro, no artigo de 2019 “*Ontologia da formação pós-humanista em Heidegger e Foucault*”.

- “*Historicidade da Filosofia em Hegel e Heidegger*”

Iber, em seu artigo, explora a diferença entre o Historicismo de Dilthey e, a certa altura, breve e rapidamente, ele aproxima do pragmatismo de Dewey em oposição à *Historicidade* de Hegel e Heidegger. Iber vê nestes, apesar das diferenças, uma manifestação genuinamente filosófica, seja por não perder de vista a História da Filosofia como parte integrante da *Historicidade*, seja por ambos tomarem a Verdade como bússola desse norte histórico em oposição àquele que faz uma notação mais histórica, mais relativista e menos filosófica.

Compreendendo melhor, no entendimento de Iber, Hegel e Heidegger “desenvolvem uma teoria genuinamente filosófica da história da filosofia do interesse filosófico pela verdade.” (Iber, 2013, p. 24-25). Tal entendimento se faz chave para uma filosofia crítica de modernidade da História.

Esse componente da *Historicidade* como elemento fundacional da busca pela verdade é uma contribuição importante para dialogarmos com a FC em dois segmentos.



“Verdade e Método”, de Gadamer, e a própria veracidade do discurso do partilhante que com menos implicação, mas também presente, nos remete a John Langshaw Austin (1911-1960) e os atos de fala, o enunciado performativo.

Verdade aqui não enquanto veracidade factual e sim enquanto autenticidade, autoria existencial⁷. Dois caminhos que não percorremos, mas que fica o registro para futuras pesquisas.

Rose Pedrosa, no capítulo já referido, assim como José Maurício e Edson Pereira Vicente, também autores na obra “Raízes Gregas da FC” estabelecem essa relação com a verdade.

A partir da teoria da correspondência em Hegel, Iber esclarece como se dá toda a movimentação dialética entre História, tempo e espírito. Espírito que ganha a correspondência de verdade: “Visto que a temporalidade e a Historicidade são uma implicação necessária da ideia divina supratemporal lógica, a temporalidade é o caráter geral do espírito, e a Historicidade o caráter genuíno da filosofia”. (Iber, 2013, p. 25). Essa movimentação interna, dialética, é sobretudo lógica, o que traz como resultante outra síntese, a racionalidade.

A perspectiva histórica hegeliana é sobretudo racional, com uma correspondência inviolável, irreduzível, absoluta com a verdade. Heidegger vai caminhar por uma movimentação dialética entre História e tempo, mas trazendo como síntese o ser, a existência. É nesse componente que há uma aproximação maior entre ele e Dilthey e um afastamento dele de Hegel.

Vejamos como Iber identifica isso: “Heidegger simpatiza mais com o historicismo de Dilthey, ao qual ele dá, contudo, uma fundamentação filosófica mais profunda. De acordo com Ser e Tempo, o ser-aí humano inteiro está determinado pela temporalidade e Historicidade”. (Iber, p. 29).

Novamente, registramos que foi nesse ponto que Pedrosa viu afastamento, enquanto esse parece ser o entendimento inicial de José Maurício ao aprofundamento ontológico que Heidegger dá ao historicismo de Dilthey. Desta matriz, dois choques futuros se apresentam.

⁷ Autenticidade por uma visada fenomenológica, a mesma veracidade poderia ser por enunciado performativo, remetendo, clara e indubitavelmente à analítica da linguagem. Nos esclarece Gustavo Adolfo da Silva: “Até então, os lingüistas e os filósofos, de modo geral, pensavam que as afirmações serviam apenas para descrever um estado de coisas, e, portanto, eram verdadeiras ou falsas. Austin põe em xeque essa visão descritiva da língua, mostrando que certas afirmações não servem para descrever nada, mas sim para realizar ações”. O autor refere-se aos enunciados performativos.



O primeiro é que, como resultante desse aprofundamento, Heidegger retira o psicologismo da fenomenologia.

O segundo, decorrência do primeiro, abre-se à correspondência ser e tempo na existência (Iber).

A Historicidade heideggeriana é existencial, nua, crua, faminta. Talvez não encontre ancoragem nem no conceito de representação. O olhar é a existência. Uma existência situada que só ganha sentido em FC mediante as bases categoriais. É enquanto ser situado existencialmente que nos aproximamos do outro. Essa aproximação ganha, aos olhos de Lúcio, a notação de representação. Uma representação que teoricamente se conforma às pupilas do observador, podendo ganhar dimensões analíticas, fenomenológicas, estruturalistas, diversas.

O que não se pode perder de vista é que, na práxis, ela se faz fenômeno. Aparição, que ao mesmo tempo em que pode ser apontada por uma teoria, nenhuma teoria a encapsula totalmente. Claramente Merleau-Ponty, em sua ideia de consciência encarnada, aproxima muito do entendimento, da proximidade desse existente. No entanto, como estamos querendo realçar e Lúcio parece ter pressentido, ainda que próximo, não é. Justamente por isso, representação, isto é, por poder ser qualquer coisa, tomar qualquer face, se apresentar de múltiplas e infinitas maneiras. Não poder ser capturado, definido, por uma teoria. Pelo menos não uma *a priori*. Isto é fenomenologia?

Pode ser, muitas vezes é, mas inúmeras vezes não é, também. Essa dança do ser e do não ser. Essa indefinição indeterminada, esse caos, caótico, epistemologicamente dadaísta (Feyerabend) é o olhar de Lúcio que basicamente insinua: diante deste outro não temos nada, não sabemos nada. Todas as teorias são válidas, todavia, absolutamente, nenhuma será capaz de expressar o ser. Nos resta o silêncio ou as tentativas de aproximações. Aproxima-se, consciente, da impossibilidade de determinar.

Nesse quesito, didaticamente o historicismo de Dilthey, no seu relativismo, situa mais do que o aprofundamento heideggeriano-existencial-fenomenológico. Olhar puro e desnudo da práxis em que a Historicidade do partilhante já são suas bases categoriais, modos de ser e estrutura de pensamento. Tal consideração nos convida ao segundo artigo.

- “Historicidade e Necessidade existencial em Ser e Tempo de Martin Heidegger”,

Robson Reis se predispõe a desenvolver uma discussão a partir de Ser e Tempo de Heidegger, trazendo a lógica modal de Oskar Becker (1888-1964) matemático, fenomenólogo, ex-discípulo de Husserl, para pensar a necessidade.



Liberdade *versus* necessidade é uma antinomia aristotélico-kantiana que serviu de movimentação às mais diversas correntes e estudos da Filosofia, e não só dela. Reis puxa uma linha cuja movimentação interna se dá mediante a necessidade. A movimentação realizada pelo pesquisador perpassa muitos e múltiplos conceitos, sendo que faremos recorte no que tange à liberdade e à autenticidade.

Reis, no seu artigo, traz uma visada altamente existencialista, quase sartreana de Heidegger, sem, no entanto, ir em direção explícita ao pensador francês. Pelo contrário, Reis consegue situar Heidegger como um pensador existencialista que não deve nada às gerações posteriores que o interpretaram.

Ponto é que, pelo liame da necessidade, a liberdade *versus* destino acaba desvelando a Historicidade enquanto autenticidade. Todavia, para se chegar a essa autenticidade do indivíduo com a sua história/Historicidade, se faz mister situar e compreender as forças modais, em disputa dessa mesma Historicidade. Percebe-se um movimento altamente dialético⁸.

Reis não perde de vista a dificuldade hermenêutica, conceitual, dessa empreitada e esclarece logo nas primeiras páginas: “Uma teoria ontológica que aceite um pluralismo de modos de ser compromete-se com uma elevada complexidade.” (Reis, 2016, p. 1).

Essa complexidade não tem o sentido que damos à tese (Morin), mas não se afasta muito. A complexidade que ele referencia relaciona-se à dificuldade de realizar a analítica existencial por pares de opostos estanques. Reis pontua: “Multiplicam-se os problemas relacionados com a determinação e a individuação, bem como as questões pertinentes à conceitualização e à descrição de objetos correspondentes aos diferentes modos de ser.” (Reis, 2016, p. 1). Sobre essa dificuldade, trataremos ao falarmos do universal *versus* singular e os múltiplos olhares que buscam elucidar a FC.

Será com Becker que Reis vai consolidar a analítica existencial na ontologia para o campo existencial. Com esse passo, Reis aporta uma discussão que é relativamente cara à FC, que diz respeito ao tópico e submodos Buscas.

Busca, tanto quanto tópico, como submodo, guarda uma relação direta com a ideia

⁸ Poucos registraram com tanta elegância e pertinência essa movimentação quanto Everson Nauroski no Fascículo Filosofia Grega e Filosofia Clínica em parceria com Miguel Silva. Com muita acuidade e precisão o colega nos mostra a movimentação dialética na FC. Dialética que aponta primeiramente como heraclitiana no devir, depois em Protágoras na diversa singularidade do ser e do método clínico, sem chegar diretamente, a dialética moderna (hegeliana, marxista), mas que, contudo, está lá como síntese dos dois filósofos gregos. Outro que desenvolve muito elegantemente a relação entre lógica e FC é Cesar Mendes da Costa em FC, Epistemologia e Lógica. Um primor de obra, especialmente, quando abre um diálogo com outro brasileiro incrível, genial e quase anônimo Newton da Costa.



de Projeto, e o verbo projetar-se, tão caro à corrente existencialista e a Heidegger. Pelo menos é como projetar-se que Carvalho compreende esse tópico da estrutura de pensamento.

Miguel Caruso, no seu excelente livro “Introdução à FC”, define assim: “Por busca entende-se o conteúdo relatado pelo partilhante que se refere a metas, a desejos, a esperança, enfim, para onde se dirige ou intenta existencialmente chegar.” (Caruso, 2021, p. 82).

Destacamos esse movimento porque é intrinsecamente a ele que são trazidos os componentes da lógica modal, cada vez mais situados à problemática existencial: “Todo projetar-se em possibilidades é a exclusão de possibilidades, mas também uma conjunção com outras possibilidades que estão presentes na facticidade”. (Caruso, 2021, p. 5). Tal argumentação é claramente lógica, porém de uma lógica não dual, não causal, não formal.

Cesar Mendes, ao falar do trabalho desconhecido nacionalmente – mas reconhecido internacionalmente – de Newton da Costa, diz que “sua produção não se preocupa com a adaptação da lógica clássica ao nosso tempo; ela se apresenta como paralela à lógica clássica, questionando o princípio da contradição.” (Costa, C. M., 2013, p. 61). Pelo prisma do formalismo aristotélico-kantiano estamos diante do absurdo. No entanto, no campo existencial estamos angustiadamente nas dimensões do ser e da existência.

Nas dimensões paradoxais nas quais a clínica acontece e se realiza, se efetiva, pode-se encontrar fundamentação teórica, mas o apontar, o sentido, se dá na práxis. Falando nela, a FC diferencia-se das demais terapias justamente porque, nesse ponto nodal, nevrálgico, no qual os processos terapêuticos retomam rótulos e estereótipos e os filósofos buscam teorias e epistemologias, ela avança em diálogo com o vazio, com a finitude, com a morte, o *locus* da Filosofia, a centralidade da FC: “No modo da existência, ‘morte’ e ‘nascimento’ não designam episódios de fim e início da vida biológica, mas possibilidades.” (Reis, p. 7).

Trazemos uma citação de Heidegger, realizada por Reis, para irmos em direção ao terceiro artigo:

Mesmo quando o ser-aí na fé está “seguro” do seu “para-onde” ou quando, em esclarecimento racional, pensa saber acerca do seu de-onde, nada disso importa em relação ao dado fenomênico de que a sintonia (*Stimmung*) põe o ser-aí diante do quê do seu aí (*vor das Daß seines Da*), como algo que se lhe defronta com inexorável enigmaticidade (Heidegger, *apud* Reis, 2016, p. 10)

Em outros termos, a Historicidade é o diálogo com a finitude. O contar-se é o



flerte com a morte de maneira direta e a dor/angústia/nada na sua forma indireta. É com esse inominável que o FilCli lida na clínica, e embora teoricamente possamos falar de... desse indizível, desse inominável, esta fala, enquanto vivência do outro, é Historicidade. Uma Historicidade que guarda e resguarda a singularidade multifacetada em diversas formas de ser e aparecer.

Esclarece elegantemente Nauroski:

Eu costumo dizer que a Filosofia Clínica é um tipo de terapia tão singular e personalizada que a cada tratamento se constrói uma ciência para aquele partilhante, não sendo possível, sob pena de negar os próprios princípios balizadores da Filosofia Clínica, criar uma tipologia ou um compêndio de sintomas, a exemplo do que muitas vezes acontece em outras abordagens. (Nauroski, 2019, p. 33)

Ilustrando, brevemente: Depressão, para a partilhante A, é tristeza. Depressão, para o partilhante B, é isolamento. Depressão, para o partilhante C, é tristeza também. Tristeza na partilhante A refere-se ao luto pela perda do filho e marido num acidente de carro. Tristeza para o partilhante C se refere a uma dor crônica que o impossibilita de ser como era. Depressão, para a partilhante B, diz respeito a mudança de cidade e emprego.

Para os três, a Depressão tem sintomas similares (apatia, irritabilidade, tristeza constante, desânimo, desinteresse, uma dor no peito que o cardiologista diz não ter razões clínicas), nome igual, porém é muito diferente para cada um deles. Uma diferença que nos pede uma aproximação para além do rótulo.

É indo em direção ao mundo do outro, escutando sua Historicidade, que se consegue situar que a depressão em A funda-se na categoria relação. Em B, na categoria lugar. Em C, nas circunstâncias. Farmacologicamente, ignoradas as diferenças posológicas, aplicar-se-ia a mesma medicação. Em muitos processos terapêuticos abordaria o caso da mesma maneira; depressão resolve-se e lista-se um rol de atitudes e procedimentos.

Em FC, não sabemos, até colher a Historicidade e na colheita situarmos, compreendermos o que habita e como isso se movimenta; torna-se modos de ser. Na teoria, o nome apazigua. Na práxis, nomear sem aproximar, afasta, diminui, reduz, limita. O que nos encaminha ao terceiro artigo.

- “Ontologia da formação pós-humanista em Heidegger e Foucault”.

Dalbosco e Doro, no artigo já mencionado, se debruçam sobre o processo de formação filosófica-pedagógica que postula uma visão de ser humano como substância



imóvel. Uma coisa (*res extensa*) que depende dos adultos, dos sábios, para vir a ser ou, mais precisamente, depende do conhecimento transmitido hierarquicamente para ser.

Enxergamos, criticamente, nessa concepção prévia de imobilidade, ora uma paralisia, ora uma movimentação, que gradativamente vai classificando os humanos, como se fosse um espectro que iria de um estado de escravidão (imobilidade) a uma possível autonomia reconhecida no homem liberal (movimento). Colocando esses dois polos numa reta verificar-se-ia que esse espaço de movimentação e imobilidade é fixado por raça, credo, gênero, classe, idade e tantas outras concepções, que pré-determinam os espaços de mobilidade, ou as condições e modos de ser de cada humano se movimentar ou não. (Santos, 2022). Mulheres não podem tais movimentos. Negros não podem estar em determinados espaços.

Os dois pesquisadores se valem da desconstrução heideggeriana menos do cogito e mais da ontologia, para com Foucault propor um modelo pedagógico-filosófico-existencial não verticalizado, aberto, desconstruído e sobretudo com outra visada do ser.

Nas relações verticalizadas, invariavelmente o outro acaba sendo colocado dentro de um diagnóstico psicopatológico, de um laudo, de um a priori gnosiológico, que nega, priva, cerceia outras racionalidades e formas de existir. Um processo de colonizar a existência do outro a partir de arcabouços teóricos invasivos, externos, a realidade vivencial dos sujeitos. (Santos, 2021, p. 150).

O diálogo que trazemos com os autores (Dalbosco e Doro) perpassa tanto a maneira com a qual compreenderam a Historicidade, como para, principalmente, se valeram dela para re-pensar o ser, tendo como norte a educabilidade dos sujeitos.

Essa dimensão pedagógica-filosófica é sobremaneira importante, porque além de dialogar com uma pergunta tácita – qual é a noção de ser humano da filosofia packteriana? – explora o *dasein* no sentido de como lidar com a finitude. Ou, como colocam os pesquisadores: “Como ser-jogado-aí, o *dasein* é ser-no-mundo, o qual, desdobrado em vários momentos, possui a disposição como abertura mais originária do mundo.” (Dalbosco; Doro, 2019, p. 68).

Não entraremos na disposição, mas a abertura originária, a clareira do ser. A abertura é o espaço, que na tese, inúmeras vezes, guarda o sentido de vazio. Um sentido que é ainda anterior a esse nome e à própria abertura. De modo que o contato com esse espaço do inominável, por vezes do intransponível, desvela não o nome, mas a pre-sença da angústia.

Os pesquisadores registram assim esse encontro: “Também possui a angústia



como sentimento privilegiado de acesso à própria condição de ser-no-mundo, cuja estrutura é o cuidado.” (Dalbosco; Doro, 2019, p. 68).

O cuidado é a clareira da terapia. O cuidado é o outro eixo nodal (Reis) que se revela na angústia. É esse cuidador ferido que aponta não só o *locus* do FilCli, como o da existência, numa práxis reflexiva que delineia a abertura de novos entendimentos.

É nesse *locus* do novo que a Historicidade em FC é peça e todo, teoria e método, início e fim, processo e procedimento, universalidade na analítica de todos terem História, particularidade no sentido de que toda Historicidade é singular.

O mesmo se passa com a teoria das modalidades de re, pois é natural esperar que ao pluralismo ontológico corresponda uma pluralidade de tipos de propriedades modais. O programa ontológico de Ser e Tempo de Martin Heidegger é um caso de pluralismo ontológico em que essa complexidade é evidente. Qualificado como fenomenológico e hermenêutico, este pluralismo concebe os modos de ser como estruturas normativas da intencionalidade, correspondendo aos diferentes sentidos de ser que se tornam acessíveis em uma compreensão de ser.” (Reis, 2016, p. 1 e 2).

Cuidado é um conceito que permeia toda a FC. Todo processo de formação busca bordar na malha intelectual dos estudantes, seja no que ela tem de apreensão imediata (estrutura, fundamentação, metodologia e outros), seja no que ela tem de apreensão tácita, por vezes inaudita, algo não transmissível por via epistemológica – uma representação significativa de respeito ao outro.

Durante todo o curso de formação lida-se com esse aspecto duplo e complementar – de um lado a Filosofia e de outro a Clínica / *klinike tekhnē*, “prática à beira do leito”. Há então, na prática clínica, aspectos que são repassados por vias metodológicas, didáticas, com uma fundamentação teórica e filosófica de mais de 2.500 anos.

Por outro lado, tem-se nessa mesma prática clínica uma transmissão indireta. Giroux denomina de “Currículo oculto” no qual toda epistemologia e metodologia é tacitamente voltada para esse nível de aprendizagem do que por vezes não pode ser ensinado teoricamente.

Aqui é o nó górdio, porque embora fale-se de técnica, em FC ela guarda a compreensão de *tekhnē*, arte. É um fazer artesanal. Ao mesmo tempo que se fala em 2.500 anos de Filosofia, ensina-se a visada, na qual o partilhante é o nosso filósofo a ser pesquisado e compreendido. Embora trate-se de uma pós-graduação aquilo que verdadeiramente se ensina, independe da formação para se ter; alguns chamam de “dom”, mas que nós (filósofos clínicos e terapeutas de modo geral) consideramos como sendo CUIDADO – a arte de acolher o outro. A *tekhnē* de ir ao mundo do outro.



No caso da Filosofia Clínica, essa acolhida significa recepcionar o outro no seu mundo, em seu universo, em suas representações. Nessa acolhida, dois pressupostos básicos, constantes, salutareis, repetitivos e por vezes exaustivamente se mantêm: SINGULARIDADE e ALTERIDADE.

- Historicidade na práxis da FC

A Historicidade é o sentido que o partilhante deu e está dando para a sua história. Clinicamente, quando o partilhante a conta, inventando ou não, factualmente ou não, sendo ator ou vítima do fazer histórico, sendo sujeito ou agente passivo dos acontecimentos, ele está narrando sua forma de ver o mundo e quiçá de ser no mundo. Ele está descrevendo como foi isso para ele e como esses fatos se deram nele.

Ao término dessa narrativa, o filósofo clínico tem condições de avaliar o que pesa mais, o que pesa menos, onde dói mais, onde não dói, em quais temas e pontos as coisas fluem, em quais emperram, engasgam, densificam e paralisam. Com quais tonalidades existenciais, quais nuances cromáticas a pessoa colore a sua vida; quais tons ele dá à sua existência. É por esse viés que a Historicidade é, segundo Marta Claus, a base prática da FC, isto é, a parte clínica está estruturada na HISTORICIDADE do partilhante.

Sem Historicidade, basicamente invalida-se a clínica, pelo menos nos moldes pensados metodologicamente por Lúcio no seu aspecto organizacional. No modelo funcional, Lúcio tem ensinado a trabalhar alguns casos sem o uso da Historicidade, boa parte, emergencial.

Sendo assim, quando o partilhante chega e é recebido pelo filósofo clínico, pede-se a ele ou realiza-se com ele um preenchimento cadastral contendo o maior número de informações possíveis (1º passo). Existem muitos programas (*softwares*) que atualmente fazem isso.

Em prosseguimento a essa interação, escuta-se o ASSUNTO IMEDIATO (AI) e diante dele se deve aprofundar, perguntar, para compreender melhor e circunstanciar melhor o que o partilhante está trazendo (2º passo)⁹.

⁹ No 2º passo localiza-se um procedimento que Marta sutilmente, mas de forma impactante, pontua em sua tese que é o “chover de perguntas”. Esse chover de perguntas contrasta com a corrente mais protocolar do agendamento mínimo. Em certa medida, Marta “cria” o que estou denominando de circunstanciação do assunto imediato. Esse procedimento é relativamente informal, colhe, escuta muito o que trouxe a pessoa à clínica, por vezes demora vários encontros para iniciar a formalização da Historicidade – me conte da sua primeira lembrança até os dias de hoje. Em oposição a isso, muitos colegas sentem que tal circunstanciação contamina a Historicidade; eles detalham e recuperam essas informações nas divisões, nas divisões das divisões, nas divisões, divididas, divisionadas da divisão, porém mantêm a intercessão quase imaculada. (continua...)



Realizadas essas etapas, que por vezes podem se prolongar por mais de um encontro, inicia-se a coleta da Historicidade (3º passo). Depois do partilhante ter narrado a sua história, o filósofo clínico retoma alguns pontos que ficaram em aberto, vagos. A isso se chama dados divisórios (4º passo).

Os dados divisórios têm como finalidade examinar determinado episódio ou espaço temporal. Como salientávamos, muitos autores distinguem os dados divisórios do enraizamento, porque aqueles se dariam na horizontal e os enraizamentos na vertical. Mais precisamente, a divisão permeia o intervalo entre dois acontecimentos temporais; já o enraizamento é o aprofundamento semântico e linguístico de um termo, de um fato, de uma especificidade, e corresponde ao sexto passo.

[...] enraizamento nada mais é do que uma epistemologia de cunho vertical e estruturalista, que busca compreender com maiores detalhamentos, termos, falas, aspectos do partilhante que ainda não ficaram suficientemente claros na colheita da sua Historicidade. Enraíza-se para compreender como é para o outro e minimizar as interpretações por parte do filósofo clínico. Enraíza-se para chegar o mais próximo ao mundo do outro, ao sentido que ele deu a sua fala, evitando interpretações acerca do dito e não dito. (Santos, 2022, p.151).

CONCLUSÃO

Em FC todo nosso material de investigação e pesquisa vem da Historicidade. Ela é parte essencial de toda a nossa metodologia e procedimento¹⁰. Escolhemos como mote de discussão inicial destacar a historicidade do conceito de historicidade e a sua relação com a FC. Como que a partir do conceito de Historicismo de Dilthey e os ensinamentos de Lúcio, autores como Marta Claus (a bailarina) Rose Pedrosa e José Mauricio derivam sua compreensão para entendimentos válidos. Seja o da historicidade como base, motor da FC, seja da historicidade como elemento mais objetivista, seja da historicidade em diálogo profícuo com a fenomenologia existencial.

[continuidade da nota n. 9] No lugar de professor de estágio recebo, invariavelmente, esta abordagem. Uma clínica que inicia quase sem bom dia, sem aperto de mão. Senta aí e conta a sua Historicidade, como se somente ela valesse no atendimento. Diante desse engessamento tanto do estagiário quanto do partilhante, em especial, porque inúmeras vezes a Historicidade não caminha, já que o partilhante sempre retoma o assunto imediato. Aquele engasgo, aquele mal-estar invade todo o ambiente, como que impedindo a continuidade da conversa. Como se não tivesse nada a ser feito a não ser escutar esse assunto imediato.

¹⁰ Ao longo da tese abrimos outras frentes de discussão e apresentação como o capítulo “Historicidade e Analogias” em que dialogamos com as definições que os colegas deram de historicidade e as implicações com a discussão apresentada. Exploramos também a dimensão geométrica com a qual os partilhantes contam a historicidade-linear, circular, espiralada, em zigue-zague.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Valdeci Lopes de. História da historiografia como analítica da Historicidade. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 34–44, 2013. Disponível em:

<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/620/378>. Acesso em: 05 fev. 2022

BENTIVOGLIO, Júlio. O que é o historicismo? **Blog, Teoria da História, Historiografias e afins**. Disponível em: <http://juliobentivoglio.blogspot.com/2012/12/o-que-e-o-historicismo.html>. Acesso em: 01 out. 2015.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 2011. p. 7-38.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 2011. p. 335-356.

CARVALHO, José Maurício de. **Estudos de Filosofia clínica: uma abordagem fenomenológica**. Curitiba: IBpex, 2008.

CARVALHO, José Maurício de. **Filosofia Clínica, estudos de fundamentação**. São João Del Rei: UFSJ, 2005. 321p.

CARVALHO, José Maurício de. Filosofia Grega e Filosofia Clínica. In: SILVA, Ronaldo Miguel (org.). **Raízes Gregas da Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Mikelis, 2016. p. 13-30.

CARVALHO, José Maurício de. Obras escritas por Lúcio Packter. In: SILVA, Ronaldo Miguel. **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Mikelis, 2020.

CARVALHO, José Maurício de. **Subjetividade e corporalidade na filosofia e na psicologia: Karl Jaspers, Merleau-Ponty e Filosofia Clínica**. São Paulo: FiloCzar, 2014. 279 p.

CARUSO, Miguel Ângelo. **Introdução à Filosofia Clínica**. Coleção Filosofia Clínica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

CLAUS, Marta. A circunstância em Ortega y Gasset e na Filosofia Clínica: reflexões acerca do conceito. **Partilhas – Revista de Filosofia Clínica do IMFIC**, Caldas-MG / Campinas-SP, Ano II, n. 2, nov. 2015. Disponível em: https://www.revistapartilhas.org/files/ugd/b3c8b3_5bfd8bee3db2436ea136a3e522f6a23d.pdf. Acesso em: 05 fev. 2022.

CLAUS, Marta. **A possibilidade da Historicidade do partilhante como fundamentação teórica da prática clínica**. 2013. 119 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia Clínica, Instituto Packter, Rio Grande do Sul, 2013.



COSTA, César Mendes. **Filosofia Clínica, Epistemologia e Lógica**: anotações epistemológicas. Filoczar. São Paulo, 2013.

COSTA, Sâmara Araújo. **Experiência Perceptiva** – M. Merleau-Ponty e G. Ryle. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Filosofia Contemporânea, orientada pelo Professor Doutor João Alberto Cardoso Pinto, co-orientada pela Professora Doutora Sofia Migueis Travis e pelo Professor Doutor André Joffily Abath, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, Set./2019. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/125045/2/372267.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2022.

DALBOSCO, Cláudio Almir; DORO, Marcelo José. Ontologia da Formação Pós-Humanista em Heidegger e Foucault. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 21, n. 1, p. 63-83, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8650840/18997>. Acesso em: 05 fev. 2022.

FERNANDES, Cláudio; TITTANEGRO, Gláucia Rita; SILVA, Márcio José Andrade da; GRANDISOLLI, Paulo R. (orgs.) **Filosofia Clínica – Tópicos**. São Paulo: Independente, 2021. 277p.

GOYA, Will. **Como Ouvimos em Filosofia Clínica** [conferência]. In: *La Escuela de Ortega Y Gasset y la Acción Filosófica de Lúcio Packter*, 25 nov. 2014, Sevilla, Espanha. Seminário Acadêmico: Universidade de Sevilha, 2014. Programa por Instituto Packter – Viagem de Estudos – disponível em: <https://www.institutopackter.com.br/2014/Espanha/Programa%20e%20Certificado.%20Universidade%20de%20Sevilha%20e%20Instituto%20Packter.%202014.html>. Acesso em: 05 fev. 2022.

GOYA, Will. Como Ouvimos em Filosofia Clínica Partilhas. **Revista de Filosofia Clínica do IMFIC**, Caldas-MG / Campinas-SP, Ano II, n. 2, nov. 2015. Disponível em: https://www.revistapartilhas.org/files/ugd/b3c8b3_a69b56fed9914b67b04fad8e744735d7.pdf. Acesso em: 05 fev. 2022.

GOYA, Will. A força espiritual da palavra no diálogo da Filosofia Clínica. In: SILVA, Ronaldo Miguel; GOYA, Will (org.). **Filosofia Clínica e Espiritualidade**. Porto Alegre: Mikelis, 2018. p. 79-128.

GOYA, Will. Onde está Lúcio Packter. In: SILVA, Miguel (org.). **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. p. 13-45.

GOYA, Will. Para uma ética da escuta filosófica: a Historicidade de um pequeno filósofo clínico. In: SILVA, Ronaldo Miguel (org.). **Raízes Gregas da Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Mikelis, 2016. p. 105-126.

HEIDEGGER. **Ser e Tempo – Parte I**. 15ed. Vozes. Petrópolis. 2005. 325p.

IBER, Christian. Historicidade da filosofia em Hegel e Heidegger. **Revista Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, 2013 (publicado em 17/02/2017). Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/542/486>. Acesso em: 05 fev. 2022.



LIMA, Luiz Costa. A ficção externa e a historiografia. In: MALERBA, Jurandir. **História e Narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento da Tragédia de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 279 p.

MALERBA, Jurandir. Ciência e arte na escritura histórica. In: MALERBA, Jurandir. **História e Narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica**. Petrópolis: Vozes, 2016. p.15-33.

NAUROSKI, Everson A.; SILVA, Miguel. **Diálogos: Filosofia Grega & Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2019.

PACKTER, Lúcio. **Armadilhas Conceituais**. Florianópolis: Garapuvu, 2003.

PACKTER, Lúcio. **Aspectos Matematizáveis em Clínica**. Florianópolis: Garapuvu, 2003.

PACKTER, Lúcio. **Cadernos: especialização em filosofia clínica (de A até R)**. Porto Alegre: Instituto Packter, [(s.d.)].

PACKTER, Lúcio; RASTROJO, José Barrientos; CARVALHO, José Maurício. **Introdução à filosofia clínica e filosofia aplicada: avaliação e fundamentações**. Tradução José Maurício de Carvalho. São Paulo: Filoczar, 2014. 152 p.

PEDROSA, Rose. As medidas da representação de mundo em Filosofia Clínica: de Protágoras a Schopenhauer. In: SILVA, Ronaldo Miguel (org.). **Raízes Gregas da Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Mikelis, 2016. p. 31-42.

PEDROSA, Rose. **Historicidade: narrativa existencial**. Porto Alegre: Mikelis, 2017. 36p.

PEDROSA, Rose. **Peregrino da Formação**. In: SILVA, Ronaldo Miguel (org.). **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Mikelis, 2020.

PEDROSA, Rose. Tópico 20 – Epistemologia. In: FERNANDES, Cláudio; TITTANEGRO, Gláucia Rita; SILVA, Márcio José Andrade da; GRANDISOLLI, Paulo R. (orgs.) **Filosofia Clínica – Tópicos**. São Paulo: Independente, 2021. p. 163-172.

REIS, Robson Ramos. Historicidade e necessidade existencial em Ser e Tempo de Martin Heidegger. **Filosofia Unisinos – Unisinos Journal of Philosophy**, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 2-12, 16 jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/fsu.2016.171.01>. Acesso em: 10 mar. 2022.

RENTHE-FINK, Leonhard von. Historicidade. Tradução de Augusto B. de Carvalho Dias Leite. **Práticas da História – Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past**, n. 12, p. 208-215, 2021. Disponível em: <https://praticasdahistoria.pt/article/download/24967/18438>. Acesso em 24 jul. 2019.



SALES, Tiago Medeiros; PEDROSA, Rosemary. Filosofia Clínica e Epistemologia: uma revisão epistemológica para uma nova clínica emergente. *In: GUILHERME, Willian Douglas (org.). As ciências humanas em uma abordagem multirreferencial [2]*. Ponta Grossa, PR: Atena, 2022. p. 52-62. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/filosofia-clinica-e-epistemologia-uma-revisao-epistemologica-para-uma-clinica-emergente>. Acesso em: 29 nov. 2024.

SALES, Tiago Medeiros; PEDROSA, Rosemary. Filosofia Clínica e Epistemológica: uma revisão epistemológica para uma nova clínica emergente. **Partilhas – Revista de Filosofia Clínica do IMFIC**, Caldas-MG / Campinas-SP, Ano VI, n. 6, nov. 2019. Disponível em: https://www.revistapartilhas.org/files/ugd/b3c8b3_b1f2970749ae43a588d49e327d6a566d.pdf. Acesso em: 05 fev. 2022.

* Kélsen André Melo dos Santos, Bacharel Licenciado em Filosofia pela PUC/MG (1999); Mestre em Educação Tecnológica pelo Cefet/MG (2008); Pós-graduado em Filosofia Clínica pelo Instituto Mineiro de Filosofia Clínica [IMFIC] - (2014). Coordenador do IMFIC, polo BH – Belo Horizonte/Brasil (desde 2016). Professor de Filosofia da Rede Pública Estadual de Minas Gerais por 20 anos. Responsável pelo Instituto Fiholosofo (desde 2011). Professor de Filosofia Clínica do Instituto Sendkho de Ensino Superior (ISES) de Chapecó-SC e do IMFIC. Doutor em Educação pela *Universidad Martin Lutero*/Flórida-EUA (2023). E-mail: kelsenfilos@yahoo.com.br.